

# METODOLOGIA DE OFICINA PEDAGÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Maria do Amparo Caetano de Figueirêdo<sup>1</sup>

José Roberto da Silva<sup>2</sup>

Elizângela de Souza Nascimento<sup>3</sup>

Viviane de Souza<sup>4</sup>

*Este trabalho busca refletir a experiência de extensão universitária realizada com crianças e adolescentes, a partir de um estudo sobre a metodologia de oficinas pedagógicas, e analisar o significado e as contribuições dessa ação para educadores e educandos. O estudo foi realizado através dos recursos metodológicos: observação participante, entrevistas abertas, diário de campo, registros etnográficos. Assim, a metodologia da oficina pedagógica, se coloca como criadora, coletiva e crítico-reflexiva, através de um jeito novo do fazer educativo, onde este aconteça num espaço de ação, reflexão e ação, articulando o cotidiano e a história. Essa prática extensionista tem por base a formação de sujeitos críticos e ativos no exercício de sua cidadania.*

## 1. Introdução

No decorrer da história, a extensão universitária tem assumido importante papel junto aos setores excluídos da sociedade. São muitos os projetos que estabelecem uma profunda interação com diversos grupos de comunidades populares. Nesse sentido, este texto constitui uma reflexão sobre o fazer metodológico na extensão universitária com crianças e adolescentes. *Devido a sua maior abertura e sensibilidade às demandas sociais e locais, a extensão facilita as iniciativas conjuntas universidade / atores externos e, por isso, requer subsídios metodológicos próprios* (Thiollent, 2000, p.20). Desejamos que este estudo fortaleça as ações de extensão, que se propõe a desenvolver uma prática de educação popular empenhadas na afirmação de valores tais como, a dignidade, o respeito, a solidariedade, a cooperação, enfim, a construção de uma nova forma de ser, de fazer, de viver, de conviver fraternalmente, solidária e alegre.

Dessa forma, este trabalho busca refletir sobre o papel da Universidade, sobretudo da extensão universitária, diante da complexidade que marca a vida de milhares de crianças e adolescentes excluídas de uma vida digna e de direitos sociais garantidos em várias legislações, a exemplo do Estatuto da Criança e do Adolescente e da Lei de Diretrizes e Bases da

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Habilitações Pedagógicas da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba

Educação Nacional. A relevância desse estudo se apresenta pois, na medida que se propõe a refletir a metodologia desenvolvida pelo trabalho de extensão, objetivando socializar, revelar a experiência desenvolvida, seu significado e repercussões na vida cotidiana e nos projetos individuais e coletivos das crianças e dos adolescentes atendidos.

Acreditamos que uma universidade referenciada socialmente, caracteriza-se essencialmente pela indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, e que esteja realmente preocupada com a produção de conhecimentos, na formação de profissionais e na prestação de serviços à comunidade. Onde sua maior característica constitui o seu compromisso social. Portanto, como afirma (Goergen, 1999, p.20):

*A universidade precisa, em todas as suas áreas, recuperar sua capacidade reflexiva sobre os grandes eixos da cultura atual, seja do ponto de vista científico/ tecnológico, seja do ponto de vista humanístico/ cultural...A universidade precisa quebrar o grilhão do individualismo, do isolamento, do corporativismo e do egoísmo e gerar uma solidariedade fecunda como sementeira de uma nova forma de ser, de agir e de saber.*

Portanto, este estudo baseia-se no trabalho de extensão universitária que vem sendo realizado com crianças e adolescentes, através do projeto: Movimento e Cidadania – uma ação de formação e organização de crianças e adolescentes. Trata-se de uma experiência em educação popular desenvolvida desde abril de 1999, em parceria com o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua – Comissão de João Pessoa- PB, e é vinculado ao Programa Bolsa de Extensão – PROBEX / PRAC / UFPB. O Projeto é realizado através dos seguintes recursos metodológicos: diário de campo, observação participante, levantamento de dados sobre a realidade das crianças, dos adolescentes e de suas famílias, registros etnográficos e oficinas pedagógicas.

A finalidade principal do projeto é trabalhar o processo de formação e organização de crianças e adolescentes, através das oficinas pedagógicas de direitos humanos, cultura popular, cidadania, literatura popular infanto-juvenil, objetivando construir um espaço onde se formem crianças e adolescentes para serem construtoras ativas da sociedade e exerçam sua cidadania. O trabalho de extensão busca contribuir no desenvolvimento de uma prática educativa, participativa e dialógica, a partir da articulação teoria-prática.

Assim, a partir dessa ação, buscamos apresentar reflexões sobre o significado da extensão universitária, através de um estudo sobre a metodologia de oficinas pedagógicas com crianças e adolescentes, e refletir as contribuições dessa ação para educadores e educandos. Buscamos, portanto, compartilhar saberes, aprendizados, experiências, caminhos, vislumbrando a troca de experiência, ampliando as possibilidades de cooperação entre educadores e pesquisadores que trabalham na extensão universitária.

## **2. Reflexões sobre a Metodologia de Oficinas Pedagógicas**

*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.*

Paulo Freire

O projeto de extensão é desenvolvido através da construção de práticas coletivas de formação e organização de meninos e meninas, a partir da metodologia de oficina pedagógica. *Refiro-me à oficina como tempo-espço para vivência, a reflexão, a conceitualização; como síntese do pensar, sentir e agir. Como “o” lugar para a participação, a aprendizagem e a sistematização dos conhecimentos... Gosto da expressão que explica a oficina como lugar de manufatura e mentefatura.* A partir das brincadeiras, da troca de experiências entre os participantes, confluem o pensamento, o sentimento e a ação. Dessa forma, a oficina pedagógica constitui o lugar do vínculo, da participação, da comunicação, da produção social de objetos, acontecimentos e conhecimentos ( González, apud Candau, 1995, p. 117)

A experiência vivenciada nas oficinas com crianças e adolescentes está marcada por um movimento dialético e tem como base o pensamento de Paulo Freire no que se refere ao uso da dialética/ dialogicidade na relação educador e educando. Sendo as oficinas um espaço de interação e troca de saberes, esta ocorre através de dinâmicas, atividades coletivas e individuais que proporcionam ao educando expor seus conhecimentos sobre a temática em questão e assimilar novos conhecimentos acrescidos pelos educadores. Esse processo de conhecimento, dar-se a partir da marca da horizontalidade na construção do saber inacabado.

Esta experiência enquanto prática democrática e participativa, se realiza mediante uma abertura do educador, que não se coloca como o único detentor de conhecimento. *Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que apreendemos a falar com eles* (Freire, 1998, p.127).

A proposta metodológica de oficina pedagógica busca apreender o conhecimento a partir do conjunto de acontecimentos vivenciais no dia-a-dia, onde a relação teoria – prática constitui o fundamento do processo pedagógico. Assim, o conceito de oficinas aplicado à educação, refere-se ao lugar onde se aprende fazendo junto com os outros. *A oficina é um âmbito de reflexão e ação no qual se pretende superar a separação que existe entre a teoria e a prática, entre conhecimento e trabalho e entre a educação e a vida* (Ander-Egg, Apud Omiste; López; Ramírez, 2000, p.178).

Segundo Candau (1995), a oficina constitui um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de um confronto e troca de experiências. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sociodramas, análise de acontecimentos, a leitura e a discussão de textos, o trabalho com distintas expressões da cultura popular, são elementos fundamentais na dinâmica das oficinas pedagógicas. Portanto, as oficinas são *unidades produtivas de conhecimentos a partir de uma realidade concreta, para serem transferidas a essa realidade a fim de transformá-la.* (Kisnerman, Apud Omiste; López; Ramírez, 2000, p.178).

As oficinas são realizadas através de vários momentos: inicialmente, tem-se uma dinâmica de acolhida e entrosamento, para facilitar o conhecimento mútuo e a interação entre os participantes. Posteriormente, tem-se a reflexão de um tema específico, de interesse do grupo,

que busca refletir a realidade, e suas inter-relações com os níveis individual, grupal e coletivo. Assim, utiliza-se músicas, poesias, relatos de vida, desenhos, dramatizações, gravuras, contos, cartazes, fotografias, que falem da vida cotidiana das crianças e adolescentes, que facilitem a aprendizagem, a troca de saberes e que articule conteúdo, embasamento teórico e metodológico. No decorrer da oficina, os participantes compartilham a própria história de vida, onde este cotidiano é inserido no contexto mais amplo, referindo à realidade local, estadual, nacional e mundial. A oficina é concluída, através da avaliação e encerramento dos trabalhos do dia.

Portanto, as oficinas pedagógicas possibilitam um processo educativo composto de sensibilização, compreensão, reflexão, análise, ação, avaliação. Esse trabalho *concebe o homem como ser capaz de assumir-se como sujeito de sua história e da História, como agente de transformação de si e do mundo e como fonte de criação, liberdade e construção dos projetos pessoais e sociais, numa dada sociedade, por uma prática crítica, criativa e participativa* (Graciani, 1997, p.310).

Nessa metodologia, é fundamental a criatividade, a sensibilidade, a amorosidade, a alegria, o envolvimento do educador. Na oficina pedagógica, educadores e educandos são co-criadores na produção do conhecimento. *Aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito* (Freire, 1998, p.77). Acreditamos, conforme coloca Freire, em uma educação *a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais...* A partir da realização desse trabalho, participamos ativamente da formação dessas crianças e adolescente. Ou contribuímos, ou prejudicamos a sua formação humana.

*Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas, podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão-se tornando presenças marcantes no mundo* (Freire, 2002, p.47).

Arroyo(2000, p.183), nos pergunta: que competências, valores, significados, que usos da mente, do sentimento, da memória, da emoção... são básicos ou fazem parte da formação básica em cada momento histórico? Ele coloca que esta questão deve nortear a procura dos sentidos de nosso saber-fazer, sobretudo, se nos vinculamos com uma educação que busca a preparação para a vida, para o desenvolvimento da nossa condição humana. Segundo este autor, precisamos *fazer da prática educativa... um momento pedagógico de humanização*. De resgate da humanidade que nos é roubada em outros tempos e lugares. Este fazer daria um outro sentido a nossa ação e pensamento educativo. Segundo Arroyo (2000, p. 250), o fundamento do trabalho na educação popular é que *essas experiências partem das manifestações de humanismo, de preocupação e de cuidado, de sentimentos que envolvem a relação com as crianças e os adolescentes em todas as comunidades, por mais inumanas que sejam suas condições de produção da existência*.

Esse trabalho de extensão, constitui pois, um espaço pedagógico para a aprendizagem dos grupos envolvidos, sejam eles da universidade, da comunidade. Nessa

perspectiva, partimos do princípio de que o conhecimento se constrói através da criação compartilhada entre educadores e educandos, seres singulares, pertencentes a diferentes realidades e histórias de vida, valores, sonhos, projetos. Assim, as oficinas são caminhos utilizados para que o grupo amplie seu conhecimento pessoal, favoreça o relacionamento, expresse sentimentos, confronte idéias, incentive a comunicação não-verbal, explore a riqueza da expressão grupal, desperte o sentimento de solidariedade, de confiança mútua, o descobrimento de si, do outro (Gonçalves; Perpetuo, 2000, p 29). *Não basta aprender, pois o conhecimento é polivalente. Importa muito mais aprender a aprender e aprender a viver juntos, participar em projetos comuns. Aprender tornou-se sobretudo fazer uma grande viagem ao interior do ser, com autonomia, saber cuidar de si, dos outros, das coisas* (Gadotti, 2003, p.113).

A partir das oficinas pedagógicas, buscamos favorecer as crianças e aos adolescentes o desenvolvimento das suas capacidades de pensamento, reflexão, crítica e ação. Nesse sentido, eles poderão compreender a realidade nos níveis mais profundos, buscando alternativas para recriá-la e transformá-la. Segundo Vasconcelos (2001, p.15), a educação popular *busca trabalhar pedagogicamente o homem e os grupos envolvidos no processo de participação popular, fomentando formas coletivas de aprendizado e investigação de modo que promova o crescimento da capacidade de análise crítica sobre a realidade e o aperfeiçoamento das estratégias de luta e enfrentamento.*

Esse tipo de metodologia promove a ação coletiva, e potencializa o espírito crítico e participativo. Possibilita condições para uma maior interação entre participantes da comunidade atendida e da universidade. Nessa perspectiva, o trabalho de extensão possibilita uma melhor relação entre o conhecimento do educador e a realidade circundante, promove *maior interesse dos destinatários que não seriam mais vistos como meros receptores e sim, atores dentro de um processo* (Thiollent, 2000, p.23).

Assim, esse fazer extensionista concebe a criança e o adolescente enquanto sujeito de direito, novidade expressa no Estatuto da Criança e do Adolescente, faz o educador atuar com outra postura nas oficinas pedagógicas. Para tanto, se faz necessário que a relação educador - educando seja (re)criada numa perspectiva horizontal. Com efeito, as crianças e adolescentes envolvidos nas oficinas são aprendizes de um processo que emancipa, torna-os sujeitos ativos na construção de uma democracia participativa, fortalecendo o protagonismo infanto-juvenil. Nessa relação de construção de uma metodologia dialética, o educador se percebe aprendiz e implementa uma nova metodologia que respeita as crianças e os adolescentes enquanto seres peculiares em desenvolvimento e sujeitos de direitos.

### **3. O Significado do Trabalho de Extensão para Educandos e Educadores**

As crianças e os adolescentes, a partir das oficinas pedagógicas expressam-se de várias maneiras: dramatizando, brincando, desenhando, pintando, escrevendo e contando suas histórias. Os educandos participam emitindo opinião, superam timidez, aumentam a auto-estima quando se percebem conhecedores e capazes de opinar sobre questões complexas. Os meninos e meninas sempre afirmam que a oficina ensina muita coisa. Eles falam do que mais gostam nas oficina, do que acham mais interessante. Apresentamos alguns depoimentos deles sobre o que

têm aprendido nas oficinas, sua compreensão de oficina enquanto espaço de construção de uma prática educativa baseada em valores de respeito, diálogo, participação, gosto pelo trabalho coletivo, criatividade, exercício da dignidade, entusiasmo pela vida:

*Gosto de bater todos os instrumentos, gosto de brincar de todas brincadeiras, disso que todo mundo faz. Gosto de todos os meninos que fica aqui na banda... É tudo meus amigos...Tenho aprendido a respeitar os outros, tenho aprendido fazer tudo....Quando tem algum trabalho assim... eu ajudo, como fizeram brechó, eu ajudei, todo mundo vendeu o brechó e eu vou ajudar, ajudar a comunidade que é onde a gente trabalha...Oficina é tudo de bom pra mim, porque me ensinou muita coisa e eu queria que quem não soubesse de nada, viesse pra oficina também. Porque quem viesse pra oficina aprendia também, que nem a gente tomo aqui na oficina pra aprendê alguma coisa na vida...quando a gente não tem nada, a gente corre pra oficina, a gente aprende tudo...Eu aprendi fazer arte, aprendi contribuir com os meninos, aprendi bater na banda, tudo isso eu aprendi. Camila 11 anos.*

*Acho muito importante. Porque é um meio das pessoas se comunicar com o outro né? Só assim a pessoa perde o nevorsismo de ir pum canto assim longe, estrangeiro aí fica sem medo de falar...Eu aprendi muitas coisas, né? Porque através desse aprender, já transmite pra oficina daqui... Importante, porque tira vários meninos da rua, assim no sábo e no domingo chega muitas pessoas de fora e a oficina do sábado também porque os pirraí fica tudo na rua assim aí pegam e se interessam e vem pra oficina. Eu acho legal, porque assim todo mundo vai se desenvolvendo melhor, porque assim através dos círculo, todo mundo uns tem dificuldade de entrar, porque tem vergonha, outro não. Assim, eu não tenho vergonha mais pra nada, porque já desenvolvi nas oficinas né? Porque eu gostei muito mesmo....Através das dinâmicas, as dinâmicas pra mim é interessante também porque assim... Logo no começo as pessoas tem dificuldade na dinâmica, mas depois a pessoa já tá mais desenvolvida e pegou o ritmo.... Antes eles não sabia quase nada e agora eles já tão sabendo mais de tudo o que é oficina, né? Já transmite pro povo...O que mais gosto é... do carinho que os educadores têm um pelo outro, né? E através da gente também, a gente mais gosta assim do, do meio de se comunicar, do meio de trabalhar porque vocês trabalham muito bem com a gente. Marcelo, 14 anos.*

Compreendemos que essa ação extensionista se fundamenta na pedagogia proposta por Paulo Freire, uma pedagogia baseada no diálogo, amorosidade, reflexão crítica, rigor metodológico, organização e ação coletiva. Esse jeito de fazer extensão significa um caminho, uma metodologia, que é construído coletivamente, fundamentado numa dimensão ética, técnica, política, cultural. Assim, busca-se desenvolver uma educação, cujo valor central é a instituição de uma nova cultura: da defesa intransigente da humanidade, da dignidade e da felicidade.

Através dessas falas, podemos observar que esta metodologia de oficina pedagógica, busca contribuir para a construção e consolidação de relações educacionais e sociais baseadas na interação, na solidariedade, na cooperação, no fazer coletivo, na valorização dos saberes e experiências de cada um, e na organização e formação de crianças e adolescentes. Na

verdade, *ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo* (Freire, 1987, p. 68). Os adolescentes falam do significado dessas oficinas para suas vidas, do que têm aprendido nos trabalhos desenvolvidos e com o grupo, e qual a importância desse trabalho para a Comunidade onde moram. Esse jeito da gente trabalhar no grupinho, do círculo, das dinâmicas, é o diferencial da nossa metodologia, é a partir desse processo que eles mais aprendem e se expressam nas suas experiências, aprendizados e sabedoria.

*Oficina é um meio de se comunicar com as pessoas, assim... através do respeito que a pessoa tem de ter um pelo outro, e, várias coisas, que a pessoa aprende muito... De que jeito? ..., o jeito da pessoa ser, porque a pessoa também ensina e a pessoa aprende muita coisa né? E, através disso a pessoa transmite pros povo também... Todas elas (as oficinas) foram maravilhosas, não tem nenhuma que eu dissesse que não gostei.... Só tem pra dizer mesmo é que gostei muito das oficinas aqui. Eu acho todos elas né, que, apesar de ter muita oficina boa aqui, a mais que eu gostei mesmo foi a de capoeira e de fotografia... Marcelo, 14 anos.*

*Participo das oficinas aqui... Também tô quase sendo educador aqui, faz muito tempo, acho que faz 02 anos que tô nessas oficinas... Tem pessoal que por aqui precisa muito menino ser educado, né? Porque aqui tem muito menino sem educação... É um negócio muito bom né, porque a pessoa aprende mais e cada vez mais... Na escola não ensina isso, não sei por que.... Até agora eu tô gostando da oficina... Na oficina daqui de Mandacaru foi, sobre sexualidade, fotografia que eu gostei muito e trabalho sobre pintura e... uns tiatros que a gente fez aqui.... Eu acho ótimo, porque a gente aprende mais né? Eu acho é muito bom pra gente.... Legal, porque eles vem de longe pra ensinar a gente né? E a gente tá estudando bem muito pra ser muito educador, ensinar a todos eles. Márcio, 15 anos*

Constatamos, a partir desse estudo que a ludicidade presente nas oficinas confirma para educador e educando que o conhecimento é possível de ser construído de forma prazerosa e democrática, estimulando a criatividade e novas formas de relação com as diferenças de sexo, raça, etnia, gênero. *É digno de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido.... A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança...* (Freire, 1998, p. 161). Portanto, a partir dessa metodologia, buscamos contribuir com a construção de *um modelo de educação que integra novos conhecimentos, amplia possibilidades, permite uma atuação centrada em valores humanos e cujo resultado terá sido fruto da reflexão, da vivência, das experiências, dos anseios e sonhos de todo o grupo* (Migliori, 1998, p.31).

Na visão do educador, são muitas as contribuições dessa metodologia dialógica e participativa para sua formação humana e profissional. Através dessa ação, busca-se não só a construção de uma prática de denúncia e indignação, mas também de utopia, esperança e ação. Portanto, a partir da realização desse trabalho, queremos compreender a própria realidade e modificá-la, através de pequenas ações individuais e coletivas. Despertar sentimentos, atitudes, esperanças, fazeres, na perspectiva de que é possível construir uma sociedade mais humana e solidária, onde todos tenham vida e dignidade.

*Por oficina eu entendo um espaço de aprendizagem, troca de saberes, onde a partir de atividades lúdicas, as pessoas podem expressar sua opinião a respeito de determinada temática que esteja sendo trabalhada. É complementar a aprendizagem de forma participativa, onde não existe um educador que sabe, que domina o conhecimento, mas existe uma troca de saberes, por parte do educador e educando. Como estudante, como educador e futuro pedagogo, pensar em trabalhar o conhecimento de forma mais horizontal, mais participativa. Na minha experiência do trabalho com meninos e meninas em situação de risco na comunidade de Mandacaru, no Alto do Céu, isso aparece muito forte, onde os meninos se colocam como sujeitos que conhecem, que participam e já tem uma prática de vivência de construção democrática, acho que isso se deve muito a história e atuação do próprio Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, já tem todo um processo de trabalho com eles. E eles já estão adaptados a essa forma de trabalhar, essa forma de construir conhecimento. Roberto, Educador*

Observamos que esta metodologia utilizada nas oficinas tem posto os adolescentes em contato com esta realidade de organização social e estes meninos logo se percebem como líderes organizadores do seu grupo de base na perspectiva de serem educadores. Isso revela que os adolescentes são profundamente marcados no seu pensar, no seu agir na comunidade, saindo da sua condição de sujeito passivo para um adolescente/agente transformador da sua realidade, atuando na sua própria comunidade e em outros grupos e movimentos sociais.

Com efeito, a identidade do trabalho de extensão se define através de *princípios e critérios éticos. Entre os principais destacam-se a participação, o auxílio não-impositivo, a devolução da informação aos interessados, alguma forma de emancipação ou empowerment. As pessoas atendidas não são vistas como simples público-alvo e sim como atores em suas situações de vida e em suas inter relações com os grupos universitários* (Thiollent, 2000, p.20). O educador fala da sua compreensão sobre metodologia participativa em extensão, e do seu significado para a sua formação e prática profissional. Como esse trabalho tem facilitado o processo educativo e qual a importância desse jeito de fazer extensão através da metodologia de oficina pedagógica. Ele analisa as repercussões desse trabalho na vida das crianças e adolescentes integrantes do projeto.

*A extensão serve como o lado prático para a Universidade, que tem espaço de está confrontando as teorias com a prática e isso vem a refletir no processo de construção do conhecimento na própria Universidade, mas também como um espaço de devolução do conhecimento elaborado que a Universidade tem esse papel de tá sistematizando e tá devolvendo para Comunidade e ao mesmo tempo tá sempre pondo em cheque novamente esse conhecimento já elaborado e tá sempre revendo, rediscutindo dentro de uma dialética da construção do conhecimento de forma participativa, procurando envolver os adolescentes dentro desse processo de construção, nunca me colocando como aquele que detém o conhecimento, mas partindo do princípio que os adolescentes também conhecem, sabem muito sobre a temática que está sendo discutida, daí procurar envolvê-los para ampliar mais sua visão de conhecimento nessas questões....A importância dessa metodologia é que ela vem formar sujeitos, pessoas que vivenciando uma experiência de educação de forma mais democrática, horizontal, e elas possam*



*trazer isso para sua vida, para o seu cotidiano onde possa viver, vivenciar relações de maior respeito as diferenças... que isso não fique só no saber que passa pelo intelecto mas, que vire prática cotidiana das crianças e adolescentes.*

Roberto, Educador

Nesse processo, o educador precisa ter um conhecimento profundo da realidade e tomar uma posição diante dela, para tanto precisa: observá-la, conhecê-la e aos fatores que a determinam, analisar suas implicações para o cotidiano das criança e dos adolescentes a fim de compreender o seu universo de valores, crenças, possibilidades e atitudes. Dessa forma, objetivando provocar impacto na formação das crianças e adolescentes, o educador precisa fazer um processo de aprendizagem assessorado pela realidade concreta do educando.

*O que fica de bom é que eu cresço como pessoa, nessa perspectiva de um conhecimento diferenciado, faço disso uma construção de saber pra mim também. Pra minha vida, a fim de construir relações mais horizontais. Eles compreendem que se trata de uma proposta diferente parece, acho, percebo que isso aconteceu muito pelo tipo de relação que nós temos com eles. Eles percebem essa diferença de construção do conhecimento. Acho que a relação de afeto também é muito presente dentro disso e é um elemento motivador para que eles permaneçam, acho que isto tem um diferencial pra eles, de outras relações que vivenciaram dentro desse processo de ensino e aprendizagem. A gente não tá prometendo nada para eles, não existe doação que a gente faz para eles a não ser essa relação de troca de saberes e... nessa relação afetuosa, interpessoal. Acho que o trabalho que vem da Universidade, que trabalha o conhecimento sistematizado, vem contribuir para o Movimento enquanto movimento social que tem uma experiência prática muito grande de uma metodologia participativa, que respeita a participação do adolescente. Então nessa experiência que o movimento vem juntando a experiência teórica que o projeto tem. Existe uma contribuição, tanto o Movimento contribui com o Projeto como o Projeto contribui dessa forma com o Movimento, com uma experiência teórica mais elaborada. (Roberto, Educador)*

Conforme observamos nos depoimentos acima, podemos afirmar que através desse trabalho, as crianças, adolescentes e educadores passam por mudanças na forma de conceber o mundo, nos processos de ensino e aprendizagem. O conhecimento é possível de ser construído a partir do pressuposto de que o educando é conhecedor, sobretudo no que se refere as condições sociais e políticas que lhes coloca em situação de perda de seus direitos. Por outro lado, a partir do trabalho de extensão, é possibilitado aos alunos desenvolverem práticas educativas e sociais, estudos, pesquisas, buscando a articulação teoria – prática, objetivando a criação de novos conhecimentos sobre o fazer extensionista com crianças e adolescentes.

Assim, a partir da realização desse trabalho, compreendemos a metodologia de oficina pedagógica enquanto um espaço de expressão, aprendizagem de novos saberes, troca de conhecimentos, interação pessoal numa perspectiva horizontal de relação educador e educando, e que tem como base a formação de sujeitos críticos e ativos no exercício de sua cidadania.

#### 4. Considerações Finais

São muitos os aprendizados, as reflexões que este estudo nos possibilitou. A metodologia da oficina pedagógica se coloca como participativa, criadora, coletiva e crítico-reflexiva, através de um jeito novo do fazer educativo, onde este aconteça num espaço de ação, reflexão e ação, articulando o cotidiano e a história, possibilitando que o educando contextualize sua realidade, problematizando-a, e se coloque nela, como sujeito da sua própria história e da história da humanidade.

Nesse sentido, para que no processo pedagógico a metodologia seja de fato crítica, dialógica e participativa, é necessário que o educador seja conhecedor do universo simbólico, da realidade que os educandos estão inseridos. Para, assim, poder compreender as linguagens dos adolescentes, seus reais interesses para a partir daí ser capaz de contribuir com a formação e a organização dos mesmos. O educador precisa conhecer as necessidades e interesses das crianças e dos adolescentes. Respeitar a dinâmica do grupo no movimento de querer aprender, descobrir coisas novas, mudar-se e mudar a realidade. Esses quererem possibilita ao educador uma ampliação no seu olhar, na sua postura flexível, quando trabalha oficinas pedagógicas com crianças e adolescentes.

Acreditamos que este trabalho constitui um importante subsídio de reflexão com todos aqueles que fazem extensão universitária, comprometidos com a construção de um conhecimento que articule ciência e vida. Conforme coloca Goergen (1999, p.25): *além da formação racional e técnica, deve ser compromisso da universidade estimular o desenvolvimento da autonomia individual e da solidariedade humana. Nesse sentido, o papel da universidade não deveria ser apenas um lugar da aquisição de habilidades e informações técnicas, necessárias para a inserção do indivíduo nos sistema econômico e político, mas deveria suscitar em cada um a reflexão a respeito do significado da ciência e da tecnologia, em termos de realização pessoal e coletiva.*

Podemos verificar que durante o processo pedagógico nas oficinas, os meninos e as meninas entram em contato com o seu potencial criador, através do colorido das pinturas, desenhos... a plasticidade das oficinas. Este contato com suas potencialidades tem revelado um crescimento da auto-estima, dos projetos de vida das crianças e dos adolescentes, que se expressam nas suas falas, nas relações mais respeitosa entre si, no cuidado com o corpo através da higiene e na relação com o grupo. Assim, desenvolvemos a partir dessa metodologia, uma educação *que estimule a colaboração e não a competição... Que dê valor à ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico e a criatividade, e não a passividade. Uma educação que se fundamente na unidade entre a prática e a teoria* (Freire, 1997, p.86).

Através desse trabalho, as crianças e os adolescentes despertam para os seus direitos, conhecem o Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8.069/90, que lhes garante seus direitos e se articulam com outros grupos e movimentos sociais organizados, participam de encontros de âmbito municipal, estadual e nacional. No contato com outras realidades, outras formas de organização, os adolescentes ampliam sua visão de mundo, vivenciado até então na sua comunidade.

Portanto, essa ação busca a instituição de uma nova concepção e prática de educação, enquanto um espaço que contribua efetivamente na construção da cidadania de todas as crianças e adolescentes, aliás, de todos os seres humanos. Segundo Freire (2002, p. 213), *A vocação humana é a de saber o mundo através da necessidade e do gosto de mudar o mundo. A vocação é de saber o mundo através da linguagem que fomos capazes de inventar socialmente. No fundo, nós nos tornamos capazes de desnudar o mundo e de falar o mundo. Só podemos falar o mundo porque mudamos o mundo.*

Essa concepção de educação fomentada nas oficinas, busca propiciar às crianças e adolescentes a possibilidade de aprofundar a consciência de sua própria dignidade, cultura, história. No processo educativo há a socialização de carências, necessidades e sonhos, a partilha de saberes e fazeres com amorosidade, respeito e solidariedade.

## 5. Referências Bibliográficas

- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 2ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.
- CANDAU, Vera Maria; SACAIVINO, Susana (Org.) **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro : DP&A, 2000.
- FIGUEIRÊDO, Maria do Amparo Caetano de; NÓBREGA, Geruíza Pereira da; PONTES, Simone Castro; SILVA, Vandmar Ferreira da; PRAXEDES, Maria Eliane; VIEIRA, Francisca das Chagas F.; ARAÚJO, Maria Betânia. **Sujeitos Sociais em movimento: oficinas pedagógicas de cultura popular com crianças e adolescentes**. Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, João Pessoa, UFPB, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 18ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1997 ( Coleção polêmicas do nosso tempo)
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido trinta anos depois. In: FREIRE, Ana Maria Araújo ( Org.) **Pedagogia dos sonhos possíveis/ Paulo Freire**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. 12ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 2002.
- GADOTTI, Moacir. Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire. In: LINHARES, Célia; TRINDADE, Maria Nazaré. (Orgs.) **Compartilhando o mundo com Paulo Freire**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.
- GOERGEN, Pedro. Dimensões da autonomia universitária no contexto da crise. In: RAYS, Oswaldo Alonso.(Org) **Trabalho pedagógico: realidades e perspectivas**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- GONÇALVES, Ana Maria, PERPÉTUO, Susan Chiode . 5ª ed. **Dinâmica de grupo na formação de liderança**. Rio de Janeiro : DP&A, 2000.
- GRACIANI, Maria Stela S. **Pedagogia social de rua**. São Paulo : Cortez, 1997.

- LUCINDA, Maria da Consolação. Trabalho infantil e direitos da criança: uma tensão permanente. In: CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana (Org.) **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro : DP&A, 2000.
- MELO NETO, José Francisco de . **Extensão universitária: uma análise crítica**. João Pessoa : Editora Universitária, UFPB, 2001.
- MIGLIORI, Regina de Fátima. A competência amorosa. IN: MIGLIORI, Regina de Fátima et. al. **Ética, valores humanos e transformação**. São Paulo: Peirópolis, 1998.
- MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA. Cidadã criança, cidadão adolescente: contribuições para a definição de uma política para a infância e juventude no Brasil. S/D.
- OMISTE, A . Saavedra; LÓPEZ, Maria Del C.; RAMIREZ, J. Formação de grupos populares: uma proposta educativa. In CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana (Org.) **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro : DP&A, 2000.
- THIOLLENT, Michel. Metodologias participativa e sua aplicação em projetos de extensão universitária. IN: THIOLLENT, Michel; ARAÚJO FILHO, Targino de; SOARES, Rosa Leonôra Salerno.( Orgs.) **Metodologias e experiências em projetos de extensão**. Niterói: EDUFF, 2000.
- VASCONCELOS, Eymar Mourão (Org.). **A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede educação popular e saúde**. São Paulo: Hucitec, 2001.